



O Gaidiuto



PORTE
PAGO

Quinzenário * 15 de Novembro de 1980 * Ano XXXVII — N.º 957 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

A SABEDORIA DO DAR

Eu ando com as provas do 2.º volume do «Pão dos Pobres». Sei lá quantas vezes já o li... Mas é sempre uma surpresa e um encanto; ainda mais pronunciado o que nos proporcionam estes primeiros escritos de Pai Américo do tempo de Coimbra, quando a sua missão era só a de «Recoveiro dos Pobres».

O segundo parágrafo do texto que adiante se reproduz, toca uma ferida que, meio século depois, ainda nos dói: o dar de «quem alija coisas por enfiado» em vez de «as dar por amor».

Pai Américo não foi apenas um pedagogo da Juventude; foi também um mestre da ciência do dar; de tal modo que os bons discípulos se dispuseram ao dom do Espírito, que só a Deus pertence: a Sabedoria do dar.

«Felizes os que sabem dar com inteligência e amor! E são muitos — bendito seja Deus! — os que gozam esta felicidade no seu partilhar pleno de discreção, repassado do sentido da Justiça, pois que a Caridade é a súplica da Lei e a observância d'Ela é um dever — o dever do que se diz e quer, na verdade, ser cristão.

São muitos, são a maioria. Mas há também muitos «enfadados» que se enganam a si

mesmos com as suas «caridadezinhas» concebidas como um favor e se pavoneiam na linha do fariseu, perdendo o mérito e o sabor da alegria do publicano, o que «saiu justificado». Por isso Pai Américo «chorava muito mais a sorte do rico (ou remediado, acrescento eu) que não sabe dar, do que a do Pobre que precisa de receber». E adiantava uma soberba definição do verdadeiro discípulo de Jesus: «Todo aquele que provoca nos pagãos de hoje o vede como eles se amam dos pagãos de outrora».

Era para ficar por aqui; e a transcrição daquele segundo parágrafo bastava. Mas o resto é tão lindo, tão denso de doutrina; e na inspiração que soprou em Pai Américo naquela hora, tudo tão conexo que eu não resisto e vai o texto todo.

«Eu quisera que toda a gente soubesse a minha admiração por aquelas mãos que acudiram ao grito e deram imediatamente um lençol de linho para as feridas «da do colete de gesso». Sem desprimor para as ofertas semelhantes deixadas na Editora, esta, na Gráfica, é uma lição de economia que sabe prevenir para bem

Continua na 4.ª página

AQUI LISBOA!

O valor do exemplo em matéria educativa, em todos os tempos e em todas as situações, é uma exigência absoluta se se pretende efectivamente educar. Fazer o que se diz, para quem recebe a mensagem, será praticamente inútil se quem fala não actua em conformidade. Agir em coerência com os princípios enunciados, nas múltiplas facetas de que a vida se reveste, é, pois, uma arma indispensável para quem pretende, efectivamente, formar o carácter dos educandos. É que, na realidade, só o exemplo tem força para arrastar.

Como pode um pai ou um educador apelar para que os seus filhos ou pupilos sejam verdadeiros, por exemplo, se as suas vidas forem autênticos tratados de mentiras, na vida familiar ou nas actividades extra-familiares? Como exigir sentido de justiça ou normas de lealdade se os procedimentos correntes das pessoas têm por base a iniquidade ou o culto do falso?

Muita gente pensa que educar se cinge a uma simples transmissão de conhecimentos ou a uma instrução escolar mais ou menos acabada. Por isso, com frequência, acontece que as pessoas adquirem instrução mas não recebem educação. Daí o desequilíbrio na formação da própria personalidade, com as consequências nefastas que estão à vista e com fricções ou tensões assaz variadas e insanáveis, muitas

das vezes. Adquirir conhecimentos só por si pouco eleva o homem. Pode atingir a inteligência mas não forma a consciência nem molda o carácter, se não for acompanhado dum processo educativo mais vasto e profundo, de sedimentação, à luz duma visão completa do homem, das suas origens e dos seus fins, e no cultivo dos valores morais.

Julgam outros que é a albarda que faz a besta e a importância dos homens se mede pelas riquezas que ostenta ou pelos valores que possui. Infelizmente, com frequência, este tipo de gente alimenta o grupo dos gananciosos e prepotentes e gera incapazes e desajustados, sossobráveis ao mais pequeno vendaval. Os pais e educadores que procuram comprar, é o termo, o bom porte dos jovens e a sua

civilizada conduta, proporcionando-lhes só facilidades e todas as coisas que eles exigem, podem-se considerar «in causa» os verdadeiros culpados de toda a série de desvarios ou até crimes que às vezes ocupam as colunas dos jornais. O «ter», mesmo legítimo, também exige parcimónia e exemplificação do seu uso.

É triste e doloroso constatar o espectáculo desedificante que se observa em muitas famílias, às vezes ditas cristãs, das discussões e das desinteligências públicas, diante dos filhos, por parte de pais desavindos, às vezes a propósito de nada, com palavras nem sempre muito ortodoxas. Que esperam esses pais? Que surjam tensões, não é de admirar. Elas devem ser superadas

Continua na 4.ª página

TRIBUNA DE COIMBRA

Foi tão feliz, tão feliz aquele dia que não resisto a partilhá-lo convosco. Foi o dia 28, dia em que seis dos nossos foram baptizados, doze fizeram a sua primeira Comunhão e vinte e um fizeram um pequeno compromisso de vida cristã. Foi um dia de muita festa cristã. Nós somos e queremos ser uma família cristã. Nós temos obrigação de procurar ser uma família cristã. Este dia, que procurámos prepará-lo bem, marcou uma data na nossa vida e tenho-o recordado com felicidade.

O centro da festa familiar esteve nos baptizados: Zito de onze, Victor e José (Zézinho) de nove anos, são filhos de mães pretas e de pais brancos. Nasceram lá longe, em Sá da Bandeira e não sabem dos pais. José Ricardo e Fernando Manuel, de onze e Mário de oito anos, nasceram em Lisboa, filhos de pais que eram da província e de terras muito distantes uns dos outros. A vida dos casais foi destruída por troca e negócios. Estas causas de destruição estão a ser muito frequentes nas famílias portuguesas.

Uma das notas mais encantadoras na preparação da festa

foi a escolha e convite que cada um fez a seus padrinhos. Todos escolheram um casal cristão: Zito convidou seus professores, Carlos Manuel e Maria Helena, nossos desde sempre; Victor convidou João Bandarra e Madalena, ele nosso cozinheiro e carpinteiro; Zézinho convidou Belmiro e Maria de Lurdes, ele sempre **chauffeur**-mordomo das nossas Festas e com oficina de mecânica sempre aberta a todas as nossas aflições; José Ricardo, o primeiro a pedir o baptismo, convidou João e Glória, ele o «topa-tudo» em nossa Casa e ela agora a ajudar no serviço da casa-mãe; Fernando Manuel convidou Carlos e Maria de Lurdes; Maria de Lurdes sempre nossa e já há muitos anos madrinha do nosso Luís Filipe, de quem ainda há dias recebeu carta de muita confiança; Mário convidou Fausto (Faustino) e Palmira; o mais novo convidou os mais novos. Novos na idade, pois o amor do Faustino é desde pequenino; foi amor bebido no leite da mãe e colhido na educação do pai. Ficámos a ser uma família ainda mais marcada com

Continua na 3.ª página



Na eira da nossa Aldeia «parecem montes de palha e é pão!»

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

COLCHAS — Recebemos uma dúzia de colchas de Inverno e outros tantos *naperons* para as nossas camaras.

A beleza das peças juntamos a beleza maior do gesto. Passagem simples e discreta duma senhora anónima que prometeu voltar com mais.

Já estamos habituados a gestos deste tipo. E se hoje aqui refiro o caso desta senhora é para mostrar que, embora nem sempre noticiemos os factos, não somos insensíveis aos mesmos.

VISITA — Tivemos novamente entre nós um grupo numeroso de empregados da STET onde o sr. Carlos Manuel continua com entusiasmo a espalhar a notícia da Obra. Muitos vieram pela primeira vez e ao que parece gostaram. Soubemos, entretanto, que se prepara uma acção de divulgação junto dos serviços regionais da empresa. Que assim seja. Há espaço para todos.

ELEIÇÕES — Conforme já fora noticiado tivemos eleições em nossa comunidade. Foram no dia 1 à noite.

As condições para se ser eleitor foram as seguintes: Todos os Rapazes com mais de um ano de Casa e com a 4.ª classe ou maiores de 16 anos, sabendo ler e escrever.

Deu um total de 49 eleitores.

Para ser eleito chefe maior é preciso: Ter mais de um ano de Casa e ser maior de 16 anos, ter a 4.ª classe, não ser estudante e não tendo feito a inspecção militar.

Estas condições permitiram um total de 7 elegíveis.

Antes de referir os resultados quero dizer que contámos com uma mesa constituída pelas senhoras da Casa e pelo nosso professor. Também o Padre responsável por esta Casa tomou a palavra, na abertura, para lembrar a importância e seriedade das eleições que apenas contaram com a intervenção directa dos Rapazes já que se trata de um acto deles, para eles e por eles.

Passamos agora aos resultados. No primeiro escrutínio nenhum dos elegíveis obteve uma maioria absoluta. Os mais votados foram o Fernando de S. Tomé (11 votos), o Valdemar (19 votos) e o João (11 votos), sendo os restantes votos repartidos pelos outros candidatos. No segundo escrutínio feito apenas com estes três Rapazes, o resultado foi o seguinte: Fernando 13; João 15 e Valdemar 20.

Foi, portanto, eleito o Valdemar chefe maior, por maioria simples.

Para 1.º e 2.º sub-chefes foram admitidos os candidatos anteriores e mais os estudantes maiores de 16 anos, o que permitiu um total de 18 candidatos.

Da votação, feita num só escrutínio e com apuramento por maioria simples, obtiveram-se os seguintes resultados: 1.º sub-chefe: Fernando, 18 e João, 14. 2.º sub-chefe: Fernando Félix, 9 e João, 7. Ficaram,

por isso, eleitos o Fernando S. Tomé e o Fernando Félix.

Antes de terminar quero transcrever aqui algumas palavras de Pai Américo acerca do chefe: «Chefe. Tarefa terrível esta! Só quem por ela passou é que sabe. Sujeito a tudo, incompreendido por vezes, lutando contra as adversidades».

É verdade. Missão ingrata mas também nobre e sublime — como Pai Américo noutros passos dos seus escritos refere. E que bela não é esta prática das eleições, esta escolha séria e madura de eleitores com 13 e 14 anos! Não houve lugar a campanha eleitoral. Não houve promessas de mundos e fundos como é corrente ver-se por aí. Há, isso sim, um conhecimento gerado na vivência do dia-a-dia, lado a lado e a chamada a carregar a cruz.

Aos chefes agora eleitos, os votos de felicidades nas funções e que os demais membros da comunidade sejam solidários com o seu trabalho e facilitem a sua vida.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Agora, o deficiente a quem demos a mão é um homem realizado. Graças a Deus!

Deixou de ser um quase marginal e está absolutamente integrado no meio.

São os investimentos concedidos (cadeira motorizada, etc.), o contacto com as pessoas, a venda de lotaria — ganha-pão certo, por suas mãos.

Homem realizado! De tal maneira que já relançou pequena obra em sua moradia, durante muito tempo num impasse por não ter quê. Vamos ajudar mais um pouco!

Quando topamos o deficiente — na azáfama constante da sua vida — olhamos a face com alegria, dan-tes sorumbática, complexada.

— Os bilhetes que me fornecem têm logo clientela; logo! Quem me dera mais...! É disso qu'ando a tratar.

Nos estreitos limites da acção vicentina, ao analisarmos friamente a promoção social deste homem — promoção cristã — lembramos legião de Outros, marginalizados; exactamente porque não há, ou não vemos onde, quem ceda meios funcionais, imediatos, para a reabilitação.

Neste campo e desde que, numa acção integrada, se aproveitem inteiramente as potencialidades existentes, não são precisos vultosos investimentos, sofisticados cursos de formação ou reconversão profissional (que não despresamos); pois a senhora técnica descamba sempre para a optimização! Muito se poderia fazer — com simplicidade, eficácia, menores recursos e proveito imediato — mas fica para *melhores dias*, que chegam tarde ou nunca!

● A problemática dos deficientes é hoje encarada, a nível de Igreja, de acordo com os tempos e as necessidades. A Igreja é Mãe dos Pobres e Oprimidos.

Em Maiorca (Espanha) a Delegação Diocesana de Acção Social — totalmente apoiada pelo seu Prelado — emitiu recentemente um comunicado sobre vasta gama de acções a fazer «no campo da consciencialização das pessoas que marginalizam os inválidos sem lhes reconhecerem os seus mais elementares direitos. É exigido aos cristãos que utilizem todos os meios ao seu alcance para conseguir, por exemplo, meios de transporte adequados aos deficientes físicos, uma segurança social que se encarregue, com justiça, de todo o tipo de inválidos até uma série de medidas urgentes no campo da saúde e da economia».

A Delegação de Acção Social de Maiorca lembra, com amargura, que, em geral, «para estes grupos humanos mais necessitados, poucas ou nenhuma medidas de igualdade e justiça são levadas a cabo pela administração».

No que se refere aos «problemas de educação e emprego que se apresentam aos deficientes físicos», o documento sublinha que «os colégios, inclusivê da Igreja, ao não aceitarem os diminuídos físicos no seu interior cometem uma grave injustiça».

«É no campo da prevenção médico-social que mais medidas devem ser tomadas. Urge fazer chegar a todas as pessoas, seja qual for o seu nível social, informações e conhecimentos sobre a medicina preventiva, facilitando depois a sua utilização».

«Mudar e pensar de novo a mentalidade existente na sociedade quanto ao diminuído — acentuam os espanhóis — torna-se igualmente importante. Só através dessa mudança será possível edificar uma cidade mais humana e promover a criação de um novo modelo de sociedade. Se não deixarmos os nossos preconceitos e a nossa maneira de discriminar as pessoas pelo que elas, aos nossos olhos, podem ou não produzir num mínimo espaço de tempo, quantificando depois essa produção, em termos de valor económico, nunca conseguiremos deixar os esquemas e clichés discriminatórios em relação aos que nós chamamos «inválidos».

PARTILHA — «Nós temos distribuído muito!» — segundo o responsável pelas massas. E todos exclamamos «graças a Deus!» e à generosidade dos nossos leitores. Ao que ele aduz: «Só ficam satisfeitos quando vêem o fundo da caixa!»; não sem desfiar — com bom humor — o recente movimento da Conferência, sublinhando compromissos «que temos de cumprir». Homem certo no lugar certo!

Enquanto houver um Pobre em necessidade, sofrendo miséria imerecida, Deus faz sangue no coração dos homens de boa vontade. Sangue é Vida — como no Monte do Calvário. E a Vida comunica-se. Aqui está:

«No Santo Evangelho o Senhor conta a parábola do rico egoísta que,

tendo os seus campos produzido uma colheita excepcional, construiu vastos celeiros para a armazenar juntamente com os seus bens acumulados. Contento consigo mesmo pensou: «Tenho bens para viver largos anos sem nada fazer, comendo, bebendo e regalando-me».

Então o Senhor disse-lhe: «Insen- sato! Esta noite, mesmo, virão buscar a tua alma e para quem irá o que acumulaste?»

É uma parábola terrível para aqueles que só pensam em si, indiferentes às carências do Próximo necessitado.

Ora tendo recebido, há dias, uma importância que já esperava, aquela passagem do Evangelho veio lembrar-me o dever de a partilhar com os Irmãos necessitados. Para tanto, junto um cheque para ajudar o Auto-construtor que referiram em vossa crónica n' O GAIATO de 18 do corrente, ou para outro fim que o caro confrade julgar mais premente.»

Pela linguagem, pela Mensagem, pela acção, é aquele Vicentino de Lisboa que aparece, sempre, na hora H.

Mais um cheque, de Paço de Arcos, «produto da venda duma, coisitas que eram de minha falecida Mãe e que eu desejo seja aplicada por intenção da sua alma. Sei que ela gostaria, pois era muito amiga dos Pobres, que este dinheiro seja entregue à Conferência Vicentina».

No Espelho da Moda: 50\$00 «por alma de Maria Domingues» e 500\$00 do assinante 13519. Amigo do Fundo «com a mensalidade referente a Outubro para um «buraquito» da Conferência». Chaves, remanescente de contas em ordem com O GAIATO, da assinante 19892. Senhora, muito amiga, da av. Marquês de Tomar, Lisboa, 300\$00. Eiras, também da capital, 200\$00. «Assinante de Paço de Arcos» partilha o salário mensal, há muito tempo, com os Pobres: 3.200\$00. Que Mulher feliz! «Uma figueirense» manda um vale do correio «por alma de meus Pais». Caldas de Moledo, um saco de roupas. Assinante 13109, de Fafe, 100\$00 e um desabafo: «É muito pouco para quem tanta vontade de dar tem em seu coração, mas cuja bolsa é muito modesta e pequenina...» Mais 100\$00 de Júlia. E mais nada.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

MAGUSTO — Já fizemos o nosso magusto. Assim, no dia 1, por volta das 16,30, todos os rapazes se reuniram com os seus chefes. Começaram a acender as fogueiras, para assim terem brasas para assar as castanhas.

Assadas algumas, os rapazes da minha casa começaram a tirar do lume e a comer. Mas, nem em todas foi de igual modo. Houve casas em que assaram primeiro as castanhas

todas e só depois é que as comeram.

Mas, também não faltou a pinga de acompanhamento. Que delícia!

Este ano, as castanhas do nosso magusto foram todas dos nossos castanheiros.

A casa 2 de baixo, porém, não teve sorte. Algumas castanhas encontravam-se já um pouco murchas. Assim, aproveitando as castanhas mais bem assadas da casa 4 r/c, alguns refugiaram-se nesse grupo...

Antes e depois do magusto, o nosso Conjunto tocou algumas músicas para nos divertirmos mais.

Foi um dia em cheio! Correu bem. Oxalá para o ano aconteça o mesmo.

FUGAS — Em nossa Casa houve rapazes que fugiram, mas já regressaram quase todos. Assim, há pouco tempo, fugiram cinco. Não sei qual a razão da fuga, pois aqui estamos muito bem. Porquê fugir?! Lá fora andam ao Deus dará; aqui, sempre têm algo que não tiveram. Quando o Tó e o Morais regressaram, a roupa deles estava negra, parecendo que andaram no carvão! Estes dois já iam para Sintra, terra do Morais. «Rolita» deitou-lhes a mão. Trouxe-os para Casa.

Eles fogem mas vêm tudo tão difícil que regressam pelos seus próprios pés ou, então, pela Polícia.

FUTEBOL — Ultimamente, a nossa equipa tem descansado alguns domingos. Só uns treinos... No mês passado defrontámos uma equipa de Braga — Gualtar Futebol Clube — em que não se foi além do empate, 2-2. Era uma equipa mais jovem que a nossa. Será que alguns clubes têm medo de jogar connosco?! Venham sempre, que são bem recebidos. Muitos não sabem como nos contactar. Pois aqui vai o nosso endereço: *Desportivo da Casa do Gaiato* — 4560 Paço de Sousa.

VISIPANTES — Os últimos dias do mês de Outubro e os primeiros do corrente mês, foram de grande movimento em nossa Aldeia.

Por esta altura, realizam-se, em localidade próxima, as festas a S. Sinão, romaria que atrai gente de toda a parte e que aproveita para nos visitar.

Fazem perguntas sobre o funcionamento das oficinas e sobre a nossa vida e nós, gostosamente, respondemos. São dias de festa em nossa Aldeia. Venham sempre. Somos «a porta aberta».

TIPOGRAFIA — Para a nossa oficina-escola de Artes Gráficas veio um pequeno grupo de rapazes preencher lugares vazios (deixados por outros que foram cumprir o serviço militar): «Tiroliro», «Algarvio», «Mestre» e «Girassol».

Gostaram, certamente, da Arte de Gutenberg. Pois que procurem ser bons gráficos e se apaixonem pelo ofício. Felicidades.

OUTRAS OFICINAS — Também, na opção pelas diversas oficinas, outros rapazes foram para o serralheiro e carpinteiro. Foram muitos os rapazes que começaram novo rumo. Boa sorte para eles.

«Salsichas»

O terceiro volume do livro «DOCTRINA»

O correio do livro continua a transbordar; que o DOCTRINA, de Pai Américo, faz uma autêntica revolução na alma dos leitores.

Muitos vão além dos três volumes do título e pedem todas ou quase todas as obras da nossa Editorial.

Não há mãos a medir, não senhor. «Desta vez desabou tudo sobre nós!» — é a feliz exclamação do nosso Mendão, corroborada por Fernando Dias, que Manuel «Gordo» e Manuel Henriques, mais introvertidos, são homens de poucas falas.

Então no que toca ao movimento de postais RSF é uma procissão! Muitos Amigos, com tempo limitado, só desta maneira, prática e eficaz, conseguem fazer chegar sua voz até nós.

Obras há que vão ficando esgotadas, exactamente por mor do terceiro volume do livro DOCTRINA, e temos de as reeditar só para quem no-las exigir. Estamos já ocupados com o segundo volume do PÃO DOS POBRES. Depois será o terceiro e por aí fora até ao PORTA ABERTA, sempre sujeitos aos naturais condicionamentos da nossa oficina-escola, cujas «máquinas» estão para os Rapazes e não os Rapazes para as máquinas».

As ressonâncias dos leitores são escaldantes! À frente e em nome de um Prelado, o secretário afirma que o DOCTRINA «contém escritos sempre preciosos, em estilo muito próprio, palpitantes de vida e desejosos de justiça. Volvidos alguns anos

após a sua redacção, nem por isso perderam oportunidade ou deixaram de ser interpelações. É a Voz da Igreja.

Mais Coimbra:

«Permitam que os trate como irmãos muito amigos. Outra não pode ser a expressão do meu sentir para quem quinzenalmente me envia a palavra da Verdade, de aviso, de conselho, de sentido responsável e esperançoso de Eternidade, que O GAIATO representa; e para quem agora me brinda com o terceiro volume do DOCTRINA.

Recebi este livro comovidamente. É a saudade do nosso Pai Américo, essencialmente o sacerdote com que Deus nos agraciou, mas também o poeta do que o homem e a natureza têm de mais íntimo e mais belo, e o escritor que tocou profundamente a inteligência e a sensibilidade com palavras tão simples e fluentes como sugestivas.

O Padre Américo! Não o posso esquecer e só queria pôr em acto o evangelho vivido da sua vida e Obra. Este livro nos evoca e é agora o meu livro de cabeceira.»

Há outras legendas, pequeninas, desfraldadas ao vento e tão ricas que entram certas pelos olhos da alma.

Mortágua:

«Fico muito grata pois os livros de Pai Américo são sempre fogo que acende almas e a minha bem precisa de ser acesa, pois o

ânimo falta-me para suportar a doença que sofro.»

Lisboa:

«Recebi os livros do Padre Américo que vou ler (alguns já conhecia) como se fosse a própria Bíblia. Ficarão à minha cabeceira.»

V. N. de Gaia:

«Acuso recepção do livro DOCTRINA e agradeço a atenção que tiveram.

Mandem sempre! Eles são indispensáveis para fazermos uma paragem na nossa vida e corrigirmos posições.»

Por fim, Rio de Mouro:

«Já li o DOCTRINA quase todo. Ia mesmo a dizer que o tenho devorado com sofreguidão, pois os livros de Pai Américo têm o condão de aplacar a fome e, ao mesmo tempo, de a despertar, cada vez mais viva e insaciável. Parece paradoxo, mas é autêntico.

Por outro lado, leituras como estas não podem ser feitas precipitadamente, de afogadilho, pois a cada passo surgem afirmações, máximas, sentenças lapidárias, que são verdadeiros tiros certos a cortar-nos o fôlego e a obrigar-nos a fechar os olhos para ver melhor, ao mesmo tempo que nos fazem doer profundamente a alma pela sua força de justiça e de verdade. São quadros vivos da vida real de cada dia; pedaços de Evangelho em carne viva.

É pena que haja ainda bibliotecas, grandes ou pequenas, privadas desta riqueza; e que aos grandes responsáveis pela condução dos povos não seja dado pautarem a sua acção pública e privada pelas preciosas e transparentes regras vivas desta doutrina.»

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da 1.ª página

laços mais profundos de amizade. Fico todo radiante quando algum deles me vem dizer que encontrou os padrinhos. Sinais de felicidade!

Os que fizeram a primeira Comunhão também se sentiam muito felizes. Estou ainda a ver os seus olhinhos muito abertos e sorridentes, em chama, no momento da Comunhão. Pela expressão externa fiquei com a convicção de que aquele primeiro encontro pessoal com Jesus Cristo foi um encontro de muita ternura. Que nunca mais se separem.

O grupo dos adolescentes que fizeram seu compromisso de não deixar apagar na sua vida a Luz de Jesus Cristo, simbolizada na vela acesa que

tinham na mão, senti neles a alegria da amizade prometida.

O nosso salão foi o santuário. Toda a Eucaristia foi celebrada num ambiente sobrenatural. Pela Fé, sentimos o Senhor bem presente na Palavra e no Pão que repartiu conosco e procurámos associar-nos a Ele, sobretudo na partilha da Paz.

Do salão saímos para a sala de jantar a comer outro pão de festa também. O recreio, a bola, as bicicletas, as máquinas fotográficas, os Amigos, tudo e todos fizemos o dia todo de festa.

Que este dia continue em todos os dias da nossa vida. O Senhor Deus seja louvado.

Padre Horácio

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

O título destes apontamentos anda trocado. Do Lar Operário raras vezes escrevemos. Há muito que o povo de Samodães é motivo para, através deste jornal, falarmos com centenas de leitores interessados no bem-estar dos Outros.

E como dizia Pai Américo, a nota comovedora do bom andamento no carinho dispensado a esta gente, é sem dúvida a cooperação dos humildes, dos trabalhadores, dos que começaram a ter umas pequenas pensões, contribuindo com importâncias que serão insignificantes na quantidade, mas todas revelam grandeza de coração.

O Lar Operário de S. Domingos recebeu mais um rapaz que veio de Travanca de Armamar. É o Fonseca. Teria sofrido várias carências e ninguém, olhando ao seu tamanho, diz que tem 12 anos. Trouxe consigo, todavia, hábitos de trabalho e maneiras delicadas que o tornam simpático. Para além desta ligeira comunicação, podíamos continuar a crónica de hoje sobre o Lar, mas diante de nós está a caminhada que nos propusemos fazer em favor de cem famílias que só têm por elas

a riqueza que o sol lhes traz todas as manhãs.

E querem saber os leitores a observação que alguns fizeram só porque temos manifestado interesse pela promoção de Samodães? — Ele... está-se a meter em altas cavalarias. Foi a expressão que, há dias, ouvi ao passar junto dum grupo. Não respondi, mas bem gostava de saber o que eram altas cavalarias.

Seria conseguir uma sala que provisoriamente servisse para juntar as crianças dos 3 aos 5 anos? Seria conseguir duas Educadoras? Seria o Parque da Família, um lugar agradável onde todos podem passar os momentos livres? Seria arranjar uma pequena barbearia para impedir que as crianças e pessoas mais idosas tivessem de percorrer 20 quilómetros para ajeitar o cabelo ou a barba? Seria a reorganização da educação dos adolescentes e jovens?

Estas coisas parecem-nos menos que elementares. Porque nada tinham, o pouco agora, a certos olhos, parece-lhes muito.

Vamos continuar. Surgiu a possibilidade de abrir uma sala de costura. A Directora nada quer receber pelo ensino, mas é preciso uma mesa, algumas cadeiras ou bancos e uma ou duas máquinas de costura. Há quem empreste uma, mas é indispensável comprar outra. Custa à volta de 30 contos. Eu vou esperar pelo fim desta quinzena e pode ser que algum leitor conheça um agente que faça descontos e nos previna com um cartão de recomendação. Doutra modo teremos que a comprar com as migalhas que temos, ou com o que tu mandares e que nos faria tanto arranjo para o leite e pão das crianças do Jardim Infantil.

Manuel Pinto

Padre Duarte

Do que nós necessitamos

Calções de banho, do Porto e roupas de Lisboa. 500\$ de Vilar do Paraíso. Visitantes, da Póvoa de Varzim, com 212\$. De Chaves, 15 contos em memória de Maria da Conceição Morais. Da mãe do assinante 14192, 1.000\$. Sufragando a alma de Marcelino Guimarães, 150\$. Da Av. João XXI, em Lisboa, várias presenças. Amigos, ao entrarem em férias, lembraram-se de nós. Assim temos 500\$ de Oliveira do Hospital. 2.000\$ de Maria. Assinante 29403, da Bélgica, com 1.000\$. Em cumprimento duma promessa feita num momento de aflição, numa praia do Algarve, 3.000\$. De Gaia, 2.000\$. Os 5 Crespinhos com 1.000\$. E 300\$ dum Juiz de Direito e estas linhas: «Nós, os da rectaguarda, temos o dever de, de alguma forma, colaborar».

E desfilam agora os que, desde há muito e mensalmente por cá aparecem: Angelina com os habituais 100\$. De Leiria, duas vezes 1.500\$ e mais 5.000\$. Da Amadora, os 150\$ em selos

de correio. Da Figueira da Foz, os 250\$ do costume. De Ermesinde, os 700\$ de todos os meses. Vale de 816\$, dos Funcionários da Direcção-Geral da Marinha do Comércio. A presença amiga da «velha» assinante de Monte Estoril, com 200\$, 100\$ e 200\$. De Luisa Maria, 800\$ e 850\$.

De graças recebidas: 500\$ de Alhandra, 250\$ de Parede, 500\$ de Castelo Branco, 1.000\$ de Gavião, 500\$ de Figueira de Castelo Rodrigo e 100\$ da assinante 19784. Da Calçada da Estrela, 250\$. Da Rua Tenente Ferreira Durão, 400\$. Maria Alice com 1.000\$. Por intermédio de Silvestre, 200\$. Em memória de Manuel Tavares de Pinho, 500\$. Cheque de 200\$, de Lisboa. 250\$ dos Amigos de D. António Barroso. E 7.500\$ dum primeiro ordenado, de Gondomar.

Assinante de Gondomar com 600\$, para cumprimento duma promessa e «pedindo uma oração por mim que vou ser mãe pela primeira vez». Pois que

Deus lhe dê a graça dum filho perfeito. 500\$ de Lisboa. 6.000\$ do Porto, recordando o dia 25/8. De Laura Teresa, 100\$. De Rio Tinto, 2.000\$ a dividir pelo Calvário. 600\$ de D. Rosinha. E 500\$ da Rua Duque de Saldanha. 1.000\$ de Armazão de Pera. Mais 5.000\$ de Azurara. De Paris, cheque de 2.000\$, de Margarida. Lembranças, de Gervide, trazidas pelo homem que nos compra o papel velho. 500\$ de Fiães. 1.000\$ de Anónimo. Maria, de Cantanhede, com 5.000\$. E 10\$ por alma de Valentim e Olinda.

Amiga de Vilar Formoso com 1.500\$. Presentes Clara e José Flores. Mais 1.500\$ de Lisboa. E 2.000\$ de Agueda. De Viseu e com muita amizade, 1.500\$ da Rua da Escola Velha. 100\$ de Lisboa, rogando a Pai Américo que socorra um Américo em crise. Ainda da capital, 500\$, 15.200\$ e 500\$. Do Porto, 100\$ mensais. 3.000\$ de Braga. Por alma de Antónia Isabel, 1.000\$. Por uma graça recebida, 2.000\$. Do Pessoal

Novos Assinantes de «O GAIATO»

Ultimamente, recebemos muitos novos assinantes pelos postais RSF da Editorial, pelas peregrinações do nosso Padre Carlos (Tondela 111, Padrão da Légua 127) e pelo correio normal, que vamos referir especificamente, pois temos presenças que não devemos olvidar:

Cova da Piedade:

«Leio de vez em quando O GAIATO — do qual sou novo assinante — e penso que é extremamente rica e importante a actualização da Mensagem evangélica que a sua leitura nos proporciona. Grande a responsabilidade de se manter fiel aos princípios do seu Fundador.

Tive o privilégio de conhecer o Padre Américo. E acho que nós, que o vimos e ouvimos, devemos testemunhar isso. Por isso, aqui estou como que a desabafar.

Procurar sempre confrontar a nossa vida de bem instalados (embora sem ignorar que também temos problemas e por vezes sérios) com a realidade da sociedade em que vivemos, com todas as suas necessidades e angústias e tão grandes misérias, de que a Obra da Rua nos faz o favor de facilitar o contacto e conhecimento, é um dos ensinamentos que brota dessa fonte, já lá vão anos, que era a palavra do Padre Américo.

É que quem anda a trabalhar, absorvido pelos proble-

mas do quotidiano da sua profissão e ainda com as exigências familiares, facilmente esquece ou secundariza o que vai por esse mundo à sua volta.

O sentir da verdadeira prática da Caridade não nos pode deixar proceder assim. Essa a verdadeira leitura do Evangelho.»

Grada (Anadia):

«Ando há muito tempo para me tornar assinante de O GAIATO, não o tendo feito, ainda, por falta de tempo. Hoje, que me encontro de férias, resolvo escrever para saber o que é preciso fazer, quanto custa a assinatura...»

Foi esclarecida e inscrita na Família de assinantes, imediatamente.

Na realidade, as pessoas andam hoje tão embrenhadas em suas vidas, deslocadas do trabalho, que os dias passam em rodopio — a galope. A falta de tempo é uma doença da Humanidade!

Nova assinante de algures, Manuela de baptismo, pede a Deus nos «dê sempre coragem para seguir em frente» e desabafa a seu modo:

«Parece impossível só há pouco tempo conhecer os anseios de Pai Américo; e foi preciso uma doença para ficar ligada intimamente à Obra da Rua! Por isso, estou a escrever

para ficar assinante de O GAIATO.»

Fernando Dias, Mendão e os dois Manueis não têm mãos a medir! É bom que assim seja. O GAIATO precisa de ser um companheiro inseparável de quem diz conhecer a Obra da Rua — mas desconhece o nosso jornal. E são tantos!

Do Porto e Lisboa chegaram muitos assinantes. Idem de Coimbra e Setúbal e Aveiro. Depois, uma procissão: Monte Real, Campo de Besteiros, Torre de Dona Chama, Fajozes (Vila do Conde), Tropeço (Arouca), Praia do Carvoeiro, Senhora da Hora, Moure (Vila Verde), Meda, Cedovim, Várzea de Ovelha, Tires, Faro, Entroncamento, Abrantes, S. Pedro de Muel, V. N. de Gaia, Cacém, S. Paio de Oleiros, Parada, Vilar de Andorinho, Mesão Frio, Braga, Lousã, Albufeira (Algarve), Cacia, V. N. de Famalicão, Póvoa de Varzim, Paços de Brandão, Candal (Gaia), Rio Tinto, Lagoa (Algarve), Marinha Grande, Loures, Trofa, Tomar, Olhão, Leça do Balio, Gouveia, Soalheira, Arachá (Minas Gerais — Brasil) e Rio de Janeiro (Brasil).

Júlio Mendes

A SABEDORIA DO DAR

Continuação da 1.ª página

remediar. Faz lembrar o «guarda para uma doença» como dantes nossas mães diziam, enquanto dobravam, no fundo das arcas, lençóis de linho puídos do tempo, gastos das barreiras, remendados, cansados de servir. Este era assim e estava guardado para uma doença.

Conhece-se perfeitamente no dar, quem alija coisas por enfado ou quem dá coisas por amor. Mas, como é certo que a Caridade tudo suporta, aceita-se tudo em silêncio, chorando muito mais a sorte do rico que não sabe dar, do que a do Pobre que precisa de receber.

A nossa doente encontra-se em estado de muita impaciência, por causa das dores que tem e do mau cheiro que exala. Não tem roupas, nem medicamentos, nem alimentação. E, para responder a tanto precisar, nada mais tem no mundo, além das mãos pobres das Criaditas deles.

Reza ao nosso Bom Deus, não vá ela desesperar. Os nossos Irmãos que sofrem, estão presos à vida pelo fio de orações dos verdadeiros discípulos de Jesus, que são todos aqueles que provocam nos pagãos de hoje, o «vede como eles se amam» dos pagãos d'outra.

Os médicos deveriam, da mesma sorte, rezar pelos doentes, que nisso fariam mais e melhor do que aqueles que, louvavelmente, têm sacrificado bens e vida para debelar as grandes doenças do mundo.

Nem todos compreendem esta música alta, sobretudo

Aqui, Lisboa!

Continuação da 1.ª página

porém, em clima de diálogo e de respeito mútuo, em clima recatado, se a natureza das coisas assim o exige ou a idade dos assistentes o requer. Ao contrário, os resultados serão imprevisíveis e, talvez, fatores de traumas irreparáveis.

Em estilo sincopado e sem pretensiosismos aqui deixamos aos pais e educadores que nos lêem temas de meditação para a quinzena. Que eles possam ser úteis são os nossos votos, sobretudo pelo empenhamento na exemplaridade de atitudes e na coerência entre o que se aconselha e o que se faz, em bom senso e em equilíbrio.

● Gostamos dos Rapazes interessados por aquilo que os cerca e pelo que vêem ou deparam. Educar é também sensibilizar para as realidades que nos envolvem e com as quais contactamos, sejam paisagens, pessoas, situações ou acontecimentos. Ajudar a descobrir a própria consciência a cada um que se abeira de nós é um objectivo que Pai Américo nos legou, aliás, nem sempre alcançado, mais pelas limitações dos transmissores do que pela incapacidade ou oposição dos destinatários.

O Miranda, nosso ainda não

quem está constituído em grandezas e se deslumbra na glória do mundo. Mozart e Beethoven não compuseram para toda a gente! A divisa dos homens que escolhem na terra a missão de curar homens, deve ser lida pelo doente, não tanto no saber como no coração: animar, aliviar, consolar sempre; curar algumas vezes!

O sacerdote, que também é médico das almas, esse cura sempre, mediante uma pintinha de boa vontade do lado do padecente, porque alivia, anima, consola. E se não cura médicos, é somente porque, moços ainda, brincam com cadáveres e mais tarde levam a vida na mesma, cuidando que são cadáveres eles mais os seus clientes! Como há-de ser espantoso o «ai! que errámos», quando os homens encontrarem na outra Vida o que nesta perderam: a alma. E que poderão eles dar então, para desfazer o engano?!»

Padre Carlos

Padre Luiz



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

UMA COMEDELA

Para a formação profissional dos nossos Rapazes temos uma máquina de fotocomposição em nossa oficina-escola de Artes Gráficas, em Paço de Sousa, na qual são compostas, por exemplo, as obras da nossa Editorial.

A máquina necessita de rolos de papel como suporte (nem sempre disponível no mercado, por razões que não vale a pena referir) onerados pelo Estado com 45% de Imposto de Transacções!!

Aí está a comedela!

O nosso Padre Carlos resmungava (nós resmungamos também): «É incrível! Porque não escrever para O GAIATO sobre isto?...!»

Tentámos redigir uma espécie de carta aberta ao Ministro das Finanças. Porém, a comedela é de tal ordem que, entre a grande massa de leitores de O GAIATO, não faltará quem faça chegar o nosso pesar ao Terreiro do Paço.

Se fosse um artigo de luxo..., vá lá. Mas é um elemento verdadeiramente indispensável às Artes Gráficas, na produção de obras de interesse público: livros, jornais — que não são objectos de luxo. A miopia dos homens do fisco está aqui; com a agravante de que tais rolos de papel-«ouro», ao que sabemos, não têm outra aplicação. Por isso, chegamos à conclusão de que, na elaboração das actuais tabelas do Imposto de Transacções, não «viram (bem) pela aragem quem ia na carruagem» e toca a onerar o papel de fotocomposição — de características específicas e nitidamente industriais — como se fosse um suporte para uso de vulgares amadores de fotografia! Erro crasso, pois cada rolo fica por 1.660\$25, dos quais o Estado nos come 515\$25. Incrível!

É de supor que ainda se não tenha dado fé da comedela. Mas repará-la, quanto antes, é um acto de justiça fiscal — tão apregoada por aí; um contributo para a dignificação dos meios de comunicação social.

Júlio Mendes